

O SENTIMENTO DE PERDAS NO ENVELHECIMENTO E A CONDIÇÃO DE FINITUDE

Vania Herédia¹

Resumo: A reflexão apresentada neste artigo faz parte de uma pesquisa intitulada “Perdas, autonomia e dependência”, realizada pelo Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul, que teve como objetivo descrever como os idosos percebem seu processo de envelhecimento e como veem as perdas e as situações de dependência. Dessa pesquisa, nasce este estudo, de natureza qualitativo-descritiva, que utiliza a técnica da entrevista narrativa para construir seu *corpus* de análise. A amostra de conveniência foi composta por 30 idosos, e os critérios da seleção foram: sexo; proveniência rural e, ou urbana; estado civil; ocupações diversas; escolaridade; idade acima de 60 anos; ter capacidade física e mental para conceder a entrevista, e aceitar o termo de consentimento. O tema sobre a finitude aparece nas entrevistas associado sempre ao envelhecimento, às perdas e à morte. Nas entrevistas, a temática da morte aparece como uma preocupação principal dos entrevistados. É evidente que, além da percepção de limites, há uma negação no enfrentamento desse tema, quando se discutem perdas e, ou dependência e situações que podem aproximar os indivíduos da reflexão acerca da morte. Dessa forma, o presente ensaio traz algumas reflexões sobre o tema morte, finitude, perdas e dificuldades que os idosos apresentam para lidar com essas questões que dizem respeito às experiências vividas em seus projetos de vida e suas limitações.

¹ Doutora em História Social pela Universidade de Genova. Professora Titular no Departamento de Sociologia e coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* vheredia@terra.com.br.

Palavras-chave: Envelhecimento. Finitude. Perdas.

INTRODUÇÃO

Pobre velho que, no curso de sua longa vida, não tenha se apercebido que deve arredar o medo da morte!

Cícero.

Por muitas décadas, o tema *envelhecimento* foi tratado de forma equivocada, uma vez que era utilizado como sinônimo de doença, senilidade e até de demência. Mesmo com os avanços que a sociedade atual teve, a discussão sobre o envelhecimento ainda carrega uma série de estereótipos, marcados por imagens negativas e valores culturais depreciados por certas culturas, que nem sempre ajudam a sociedade a compreender o processo do envelhecimento e a riqueza desse processo para a evolução humana.

O presente ensaio sobre o envelhecimento tem como objetivo trazer à tona algumas questões que permitam debater sobre esse processo, seus limites, suas perdas identificadas e, principalmente, as ilusões que os idosos têm sobre a velhice, marcadas por uma educação que não lhes ensinou nada sobre a morte.

Na Introdução do livro *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, a autora usa uma expressão de Proust quando diz que o homem recusa-se a reconhecer nele a possibilidade de ser velho: “[...] de todas as realidades, a velhice é, talvez, aquela de que conservamos por mais tempo, ao longo da vida, uma noção puramente abstrata” (1990, p. 10-11). Isto quer dizer que há uma negação do envelhecimento pela negação da finitude.

O conceito de envelhecimento usado na pesquisa foi extraído da obra de Beauvoir (1990, p. 17), quando a autora define a velhice como o “resultado e o prolongamento de um processo”. De que processo fala? Ela diz que a velhice “não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (1993, p. 20). Esse conceito traz uma nova concepção de velhice e pontua a influência de diversos determinantes na promoção da longevidade, incluindo principalmente os determinantes pessoais, comportamentais, sociais, econômicos, físicos entre outros.

2 AS PERDAS E OS LIMITES QUE ELAS IMPÕEM AO SER HUMANO

De minha morte só os outros podem falar. Posso contar minha vida através das recordações minhas e daqueles que me foram próximos, mediante documentos, cartas e diários. Posso contá-la até os últimos *minutos*. *Não posso contar minha morte. Só os outros podem fazê-lo.*

Norberto Bobbio

As perdas são sempre difíceis de ser manuseadas porque dizem respeito às histórias de vida dos indivíduos, seus desejos, suas expectativas, suas ansiedades e motivações.

Constatou-se um sentimento forte de resistência para aceitar as perdas ou de se preparar para enfrentá-las, quando o indivíduo conhece os limites que o ser humano tem. Muitas vezes, o conhecimento e a consciência desses limites podem levar o ser humano a mudar seu modo de ver a vida, de ver o mundo, de

ver os outros e de avaliar as formas de como estabelece suas relações pessoais e interpessoais.

As perdas podem tornar-se oportunidades que os indivíduos têm de mudar. São experiências que podem ter efeitos na vida dos que permanecem, daqueles que não partem. Entretanto, todas essas dificuldades existem, porque a vida moderna ocidental não prepara o homem para a morte e, conseqüentemente, não o prepara para a vida, pois são ambas condições inseparáveis da existência.

É mais comum crer que as perdas, incluindo a morte, devam ocorrer àqueles que já trilharam parte do percurso, deixando isentas dessa preocupação as crianças, os jovens e os que entraram na vida adulta. Essa forma de ver o tempo de vida corrobora com a visão de que as etapas da vida são marcadas por fases de desenvolvimento, que abrangem desde a fase oral-sensitiva até a maturidade e a velhice. Em cada fase, há características distintas.

Essa visão se relaciona com a ideia desenvolvida anteriormente sobre as fases da vida, baseada no senso comum de que os mais velhos morrem antes dos mais jovens, que as crianças têm mais tempo de vida que seus pais ou mesmos seus avós.

Eu perdi o meu filho, fez um ano quarta-feira. Eu organizei minha vida no sentido de eu morrer primeiro. Então isto para mim foi um choque muito grande. A única coisa que eu comprei que ainda estaria no meu nome foi o telefone. No tempo em que eu comprei o telefone, ele era bem móvel, e então eu coloquei no nome dele porque o outro filho já tinha telefone. Então eu disse: eu não vou colocar

o telefone no meu nome, pois, quando eu morrer, meus filhos terão que fazer inventário por um telefone. Porque casa e tudo mais já estava distribuído. Então agora, no inventário dele, teve que entrar o meu telefone. Eu sempre projetei a minha vida nesse sentido por uma coisa lógica que eu sou mais velha e morro primeiro. E ele morreu primeiro e não foi de acidente (Ilse, 86 anos, viúva).

As perdas no envelhecimento podem representar um rito de passagem para a nova identidade que, dependendo da forma como o sujeito assimila a perda, pode tornar-se mais difícil do que o persistir. O caso do luto, da viuvez, da morte de um filho, da perda de órgãos vitais, seja a visão, audição ou mesmo a deambulação, leva os indivíduos a assumirem identidades que nem sempre são desejadas. Alguns autores, como Tamanza (2001, p. 19), refletem que a morte representa “provavelmente a transição normativa mais difícil de enfrentar e profundamente coloca em prova as relações familiares”. Diz ainda que, quando ocorre “na última idade da vida, essa assume, por certos meios, o caráter da previsibilidade e da conclusão natural da vida, mas não isenta que a elaboração deste evento possa ser difícil e requerer muito tempo” (Tamanza, 2001, p. 19).

Há diversas formas de enfrentar as perdas, mesmo que os ritos sejam semelhantes. Dependem, portanto, de relações pessoais e intersubjetivas anteriores, tais como: de vínculos estabelecidos; do sentimento de amor, paixão, posse, referência, conflito, ou mesmo da dor. O reconhecimento da perda ocorre quando o indivíduo se defronta com a experiência. A antecipação da perda não permite sentir o verdadeiro sentimento dela mesma.

Aceitar a perda do cônjuge pode ser uma forma de preparação para a própria morte. Uma das entrevistadas relatou seu sentimento de perda na morte do marido.

- *Eu amava meu marido. Não sabia o que era viver sem ele (Carmen, 94 anos, viúva).*

Os sentimentos de perdas revelam histórias que foram vividas e mostram o grau e a intensidade das relações estabelecidas ao longo da vida. Uma perda pode levar o indivíduo a modificar sua trajetória, e os efeitos da mesma, para muitos, são irrecuperáveis. Umberson (2003, p. 97) coloca que a “morte dos pais pode forçar os adultos a pensar sobre sua própria mortalidade, no sentido de reconhecer de não ter mais passado”.

- *Quando eu perdi a minha mãe, eu perdi o meu passado (Clari, 84 anos, viúva).*

Becker (2003, p. 17) argumentou que “a obsessiva negação da morte é um mecanismo de defesa adotado pelos indivíduos na condição de protegê-los do medo natural da morte”. A condição de morte conduz o ser humano a ter consciência sobre sua finitude, independe do tempo de vida. Então, pode-se dizer que as perdas podem levar a pensar sobre a própria morte, sobre seu caráter definitivo.

3 OS IMPACTOS DAS PERDAS NA VIDA DOS ENTREVISTADOS

As reações dos indivíduos frente às perdas são as

mais diversas. Doenças, tristezas, depressão, vícios, mudança de hábitos refletem as dificuldades que os idosos têm quando se defrontam com uma situação de mudança.

As perdas sempre representam mudanças. É importante refletir que as perdas permitem uma reflexão sobre o tempo presente, quando os indivíduos percebem as mudanças sofridas e comparam o passado ao presente. O presente é a condição de preparar o futuro, sendo necessário saber lidar com as possíveis transformações, os limites delas derivados e as vantagens de ter claro o processo de envelhecimento.

- *Foram perdas difíceis, primeiro meu marido, depois meus pais. Eu perdi meu marido antes, e sabe o que terminou com ele? O fumo. Foi o cigarro [...]. Meus pais eram muito queridos. Eu era a filha predileta, predileta é modo de dizer, mas a gente sente quando é a predileta (Carmen, 94 anos, viúva).*

Os entrevistados relataram que as perdas psicológicas, que dizem respeito aos relacionamentos, podem afetar o sentido da família, a estabilidade das relações entre seus membros, a mudança dos papéis desempenhados pelos pais e pelos filhos.

A perda precoce de filhos pode fazer com que os pais assumam os netos como filhos, e os avôs, o papel de pais. Essa condição de mudança de papéis nos afetos reproduz o senso de família, por meio da manutenção da sua estrutura emocional.

A perda de familiares também aponta para situações de mudanças inesperadas. Por necessidade,

muitos acabam mudando a própria vida para proteger seus filhos. Uma das entrevistadas descreve como sua família se uniu após a morte de seu marido e como ela teve de enfrentar dificuldades para criar seus filhos. Não percebeu o seu envelhecimento. Quando se deu conta, o tempo já havia passado. Mais uma situação de percepção de finitude.

- *Houve uma época, quando eu perdi meu marido, eu tinha 36 anos e ele tinha 46 anos. [...] ele faleceu, coitado, e eu fiquei, então, respondendo por toda a família. Sabe o que é chegar no extremo mesmo da pessoa e não aguentar mais? Assim, encaminhei a minha aposentadoria porque eu já não aguentava mais. Achei mesmo que ia morrer, de tanto trabalhar. [...] Sempre estive ocupada, quer dizer que eu não vi o tempo passar, quando eu percebi, já tinha 80 anos (Carmen, 94 anos, viúva).*

Quando um dos membros da família morre, o senso de família pode ser preservado pelo cônjuge que permanece no grupo familiar. Entretanto, se o cônjuge assume o papel de organizador, de promover a união da família, de resolver os problemas de seu grupo, acaba tomando para si uma responsabilidade nova, que antes era desempenhada pelo companheiro. Nas falas, com frequência, aparece a dependência que a morte do cônjuge trouxe para a vida familiar.

- *Ele pensou que eu ia morrer e não se preocupou com a segurança do meu futuro. Deu tudo para os filhos. Hoje não tenho nada, dependo dos filhos, da*

disponibilidade deles, eles esqueceram que tudo que eles têm teve início com trabalho meu e de meu marido (Cristina, 87anos, viúva).

- *Quando ele morreu, eu perdi a vontade de viver, fiquei doente, tive que vir morar na cidade, deixei meu passado para trás, cada dia que passava, ficava mais doente. Nada importava (Elvira, 84 anos, viúva).*

- *Minha avó era o elemento de coesão da família, quando morreu, a família se desintegrou. Ela estabelecia as relações entre os filhos e sua família. Todos a amavam e a respeitavam. Era uma mulher forte e sensível. Com sua morte, o sentido de família se perdeu (Darcy, 84 anos, viúvo).*

Nem sempre a família compreende as perdas que os idosos enfrentam. Muitas vezes, esperam que sejam passageiras quando muitas delas realmente não são mais transitórias e afetam a dinâmica da estrutura da família, modificando os papéis, as responsabilidades e as atitudes do grupo referência.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O estudo sobre as perdas mostra que elas representam mudanças na vida de alguns idosos. Refletem ainda a presença de valores humanos de que se estruturam na correlação entre o indivíduo, a família e a sociedade, numa demonstração de que o homem tem consciência de sua finitude, mas não

está preparado para enfrentá-la. Lansing² (1990, p. 17), quando define o envelhecimento, diz que “é um processo progressivo de mudanças desfavorável, geralmente ligado à passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando invariavelmente na morte”. Essa definição coloca a morte como fim do processo de envelhecimento, sem, entretanto, tratar das demais mudanças que a vida traz e que são inexoravelmente impossíveis de ser freadas. É o tempo do corpo.

Os idosos falam que a morte de jovens choca mais do que a de velhos e que, no caso dos velhos, há no imaginário uma certa previsibilidade e naturalidade do evento, fazendo com que a morte de velhos seja considerada mais natural para os familiares. É evidente que depende dos laços e dos vínculos construídos.

² Simone de Beauvoir cita estudos de Lansing, em seu livro *A velhice*, pelo fato de ser um reconhecido gerontólogo americano.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

MINOIS, Georges. **História da Velhice no Ocidente**. Lisboa: Teorema, 1999.

TAMANZA, Giancarlo. Anziani. **Psicologia sociale e psicoterapia della famiglia**. Milano: Franco Angeli, 2001.

UMBERSON, Debra. **Death of a parent**. Transition to a new adult identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

THE SENSE OF LOSS IN AGING AND THE FINITUDE CONDITION

Abstract: The reflection presented in this article is part of the research “Losses, autonomy, and dependency”, carried out by the Center for the Study of Aging of the University of Caxias do Sul, whose aim was to describe as elderly persons see their aging process, and how they see losses and situations of dependency. Thus the research generated this study, which has a qualitative, descriptive nature, and applies the technique of narrative interview to build up its corpus. Selection criteria for the sampling were: sex, rural and/or urban origin, marital status, various occupations, educational level, and willingness to accept the term of consent. Convenience sampling was composed of 30 elderly persons. The subject of finitude appears in the interviews always in association with aging, losses and death. In the interviews the subject of death appears as a main concern of

the interviewees. It is evident that apart from the perception of limitations, there is also a refusal to face the subject when losses and dependency are discussed, situations that can lead individuals to reflect upon death. In this way this paper brings a few thoughts about the subject of death, finitude, losses, and difficulties showed by the elderly in dealing with issues regarding experiences lived in their life projects and their limitations.

Keywords: Aging. Losses. Finitude.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em março de 2010